

A HISTORIA VERDADEIRA

Copyright © 2012 by Gustavo Piqueira (tradução)

Direitos reservados e protegidos pela Lei
9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem
autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Luciano
A história verdadeira / Luciano; [tradução Gustavo
Piqueira]. — Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

ISBN 978-85-7480-578-8

I. Ficção 2. Literatura grega I. Título.

I2-01040 CDD-889.3

Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção: Literatura grega 889.3

Direitos reservados à

ATELIÊ EDITORIAL

Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897

06709-300 – Granja Viana – Cotia – SP

Telefax: (11) 4612-9666

www.atelie.com.br

contato@atelie.com.br

PRINTED IN BRAZIL 2012

Foi feito o depósito legal

A HISTORIA VERDADEIRA LUCIANO

CONCEPÇÃO E TRADUÇÃO
RELATIVAMENTE FIEL DE
GUSTAVO PIQUEIRA
ILUSTRAÇÕES DE
ALEXANDRE CAMANHO,
CARLOS JOSÉ GAMA
E **JACA.**


Ateliê Editorial

NOTAS SOBRE ESTE LIVRO

A princípio, causa estranhamento que esta obra tão original escrita no século II, considerada (ainda que à revelia de seu criador) uma das grandes precursoras da ficção científica e citada como influente em autores como Swift, Voltaire, Verne, Morus e Rabelais, não seja mais amplamente difundida nos dias de hoje.

Uma das explicações está em seu autor. A destreza com que o sírio Luciano, nascido em Samósata, província romana na Síria, perto do ano 120, mistura gêneros e satiriza a todos não é das mais facilmente enquadráveis.

Outro provável motivo reside no livro em si. Luciano não queria, com *A História Verdadeira*, tornar-se o pai da ficção científica nem coisa que o valha. Afinal, não usa suas criaturas e paisagens fantásticas para

entreter ou encantar o leitor, nem transportá-lo a um “mundo diferente”, ainda que tudo isso termine por ocorrer. Não, não. No fundo, toda a ação de *A História Verdadeira* não chega a lugar algum. Não há enredo, apenas uma tresloucada sequência de parágrafos costurados sem grandes preocupações, já que todos os propósitos de Luciano parecem estar expressos na introdução do livro — é ela, na verdade, a tal história verdadeira: ironizar

[...] ANTIGOS POETAS, HISTORIADORES E FILÓSOFOS QUE NOS LEGARAM ALGUMAS DAS MAIS MIRABOLANTES (E INACREDITÁVEIS) FÁBULAS.

E, partindo dessa intenção nada “fantástica”, ele sai pelos livros *Um e Dois*, entre mares e planetas, a tirar sarro de tudo e de todos para construir, provavelmente, a mais irreverente obra já escrita. Pois cada parágrafo é um tiro certo num alvo específico, que deve ser facilmente reconhecido pelo leitor.

[...] CONFIO NA SUA CAPACIDADE DE IDENTIFICÁ-LOS, UM A UM, DURANTE A NARRATIVA QUE VEM A SEGUIR.

Pelo leitor da época, talvez. Hoje, infelizmente, muitos dos alvos originais se perderam e, com eles, nossa capacidade de localizar a mira de Luciano em determinadas passagens. Não importa. Ainda é possível perceber que ninguém escapa ileso, seja Homero, seja Ulisses. Além do que, a liberdade completamente desrespeitosa que Luciano apresenta em *A História Verdadeira* é tônico dos mais revigorantes para diversas afecções contemporâneas.

NOTAS SOBRE ESTA TRADUÇÃO

Uma tradução relativamente fiel significa que o conteúdo central do texto original foi mantido na íntegra. Nada foi suprimido, nada acrescentado. Porém...

Também indica que se permitiram algumas liberdades. Uma tradução relativamente fiel, por exemplo, não dá muita bola para a polêmica acerca do correto título da obra. Talvez, como já foi dito, *Das Narrativas Verdadeiras* fosse o mais apropriado para a língua portuguesa, pois Luciano busca, em seu texto, discorrer sobre outras obras. Mas *A História Verdadeira* também cumpre, de certo modo, esse propósito (afinal, “história”, hoje, termina por abarcar tanto “A” história quanto as histórias). Sem falar que é um título mais charmoso, adjetivo que, bem sei, não se encaixa nos critérios ortodoxos de uma tradução.

A mesma postura foi adotada em relação à construção de algumas frases ou trocadilhos que, traduzidos, perderiam a graça ou o sentido. Imbuído do espírito do autor, entre o correto e a ironia, optei pela última.

Também não traz notas de rodapé, ainda que úteis para se saber, por exemplo, quem foi Círon ou PitioCampte. Para isso, existem trabalhos acadêmicos, de cujo alcance e acuidade o conhecimento deste tradutor relativamente fiel nunca seria capaz de se aproximar. Melhor ficar, portanto, dentro das próprias limitações.

Contudo, se nada disso tiver sido suficiente para aplacar possíveis reclamações quanto à falta de reverência a uma obra clássica, ficam aqui duas sugestões:

1. antes de comprar um livro, sempre preste atenção a títulos que incluem termos como “tradução relativamente fiel” e **2.** repense o porquê de querer ler Luciano.

AHI

STORIA VERDA

DEIRA

INTRODUÇÃO

Como os atletas cientes de que relaxar o corpo é tão necessário para sua preparação quanto o treinamento dos músculos, acredito que o homem voltado ao exercício do intelecto deve, após longa sessão dedicada a temas sérios, descansar um pouco a cabeça para que as próximas tarefas encontrem-na sempre em plena forma.

Há um tipo de leitura especialmente recomendável para tal fim: aquela que não se resume a entreter o leitor com enredos divertidos e engenhosos, mas também possui a capacidade de despertar apetites mais sofisticados. E, perdoe-me o autoelogio, é exatamente o que você encontrará nas páginas seguintes. Porque elas lhe agradarão não apenas pela proposta original, pela construção elegante ou pela série de deslavadas mentiras que conto como se verdades das mais puras. Elas lhe agradarão porque aludem, não sem um tom de paródia, aos antigos poetas, historiadores e filósofos que nos legaram algumas das mais mirabolantes (e inacreditáveis) fábulas. Seus nomes até poderiam ser listados aqui, numa nota de rodapé. Mas confio na sua capacidade de identificá-los, um a um, durante a narrativa que vem a seguir.

Ctésias? Escreveu um tratado sobre a Índia sem nunca ter pisado lá. Sem ao menos ter ouvido algo de quem pisou. Iâmbulo? Deslumbrou a todos contando o que encontrou no Grande Mar, num texto tão delicioso quanto absolutamente falso.

E, assim como eles, muitos outros nos legaram o relato de suas “viagens”. Aventuras recheadas de monstros horríveis, selvageria sem precedentes e hábitos de vida esquisitíssimos. O grande mentor de toda essa palhaçada foi Ulisses, de Homero, ao entreter a corte de Alcínoo com ventos aprisionados, ciclopes, canibais, criaturas de muitas cabeças e companheiros transformados em bestas por feitiçaria. Além de milhares de outras fantasias, que iludiram a crédula e ignorante audiência feácia.

Mas, ainda que me espante o fato de acreditarem piamente que suas mentiras nunca serão descobertas, como posso censurá-los se a prática do engodo é das mais corriqueiras até entre os que se denominam filósofos?

E, claro, não serei o único a renunciar à liberdade ficcional da qual todos vêm se aproveitando. Incitado por uma vaidade ridícula a deixar meu testemunho às gerações futuras mesmo sem ter vivido nada de notável, lá vou eu também. Rumo à falsidade. Falsidade, contudo, muito mais honesta que as demais. Pois, ao menos, há nela uma verdade: assumo estar mentindo. Isso mesmo. Você não encontrará pela frente uma única palavra verdadeira (e, com essa confissão, espero livrar-me de qualquer possível reprimenda). Nenhuma. Escrevo sobre fatos que nunca vi, nem vivi. De que nem sequer ouvi falar. Sobre o que não existe, nem jamais poderia existir. Fica, em resumo, um aviso a todos os leitores:

